



CÂMARA DOS DEPUTADOS

JOSÉ PAULO TÓFFANO

Deputado Federal

CONSUMISMO X SUSTENTABILIDADE

*Atuação Parlamentar do Deputado Federal
José Paulo Tóffano.*

**Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Publicações
BRASÍLIA – 2009**

CÂMARA DOS DEPUTADOS
53ª Legislatura – 2ª Sessão Legislativa
SÉRIE
SEPARATAS DE DISCURSOS, PARECERES E PROJETOS
Nº 198/2008

SUMÁRIO

	<i>Pág.</i>
Sustentabilidade e o panorama geral do planeta	5
<i>Homo consumericus</i>	8
Um novo sistema mais eficiente e mais justo	10
Sugestões para atividades de Educação Ambiental	11
Bibliografia	18

Sustentabilidade e o panorama geral do planeta

“A nave espacial Terra não transporta passageiros. Somos todos tripulantes.”

A palavra sustentabilidade passou a ser utilizada com muita frequência de alguns anos para cá. Apesar do seu uso contumaz, ainda não sabemos exatamente se é possível implementá-la, principalmente sob a ótica que a maioria das pessoas que a empregam imaginam o que ela seja ou signifique.

Vivemos hoje dentro de um sistema em crescimento linear, com uma trajetória ascendente de produção e consumo. Produzimos cada vez mais e consumimos cada vez mais. São bens não palpáveis, como a energia elétrica e gases combustíveis, são alimentos, são objetos de uso pessoal de todas as formas, são materiais de construção e uma infinidade de outros.

Não haveria qualquer problema se nosso planeta fosse um sistema aberto, e não finito como é. Imagine-se a bordo de um navio cruzando o Atlântico, com muitas pessoas lhe fazendo companhia e com comida, combustível e água suficientes para um mês, calculando que cada pessoa consuma um número x por dia na jornada.

Durante o percurso, porém, todos passam a consumir duas, três, quatro ou cinco vezes mais do que o esperado. O que aconteceria? Ficaríamos desprovidos dos itens de necessidade antes de chegarmos ao porto programado e, muito provavelmente, enfrentaríamos motins, fome, revoltas e muita angústia dentro do barco.

Outra situação perigosa que poderia ocorrer dentro do barco seria se apenas 10% dos passageiros tivessem acesso a 90% dos bens e apenas 10% ficar disponível para todos os outros. Motins, fome, revoltas e muita angústia fariam parte do dia a dia deste cruzeiro também.

Aí vão dizer que um outro barco poderia ser acionado e partir da terra firme para reabastecer os porões do transatlântico. É verdade. Mas se esse navio se chamasse planeta Terra, essa possibilidade não existiria.

E de fato, além de consumirmos mais do que a Terra consegue recuperar, ainda colocamos uma colossal quantidade de pessoas neste barco. São 6,6 bilhões de habitantes e podemos chegar a nove bilhões até 2050! Somente nas três últimas décadas consumimos mais de 1/3 dos recursos naturais do nosso planeta.

Além disso, distribuímos mal nossos recursos. Poucos dispõem de muito e multidões dispõem de pouco. Cerca de 40% de toda riqueza global está concentrada nas mãos de 1% das pessoas consideradas ricas no planeta. Por outro lado, a metade mais pobre da população mundial detém 1% da riqueza.

É possível aplicar a palavra sustentabilidade para um sistema com essas características? Não, não é. Tanto que começamos a vivenciar várias crises pontuais no sistema. Fome, falta de água, guerra, enchentes, secas, furacões mais furiosos, aumento da temperatura do planeta, derretimento do gelo nos pólos, aquecimento global, crises financeiras.

A verdade é que vivemos num planeta finito, e não se pode gerir um sistema linear de aumento de produção e consumo num planeta finito indefinidamente.

Outras distorções colaboram com a celeridade da deterioração do planeta. Dentre as 100 maiores economias do planeta, mais da metade são corporações privadas, com fins lucrativos, e menos da metade são governos, cuja finalidade deveria ser distribuir melhor os recursos e as chances dentre aqueles que vivem dentro do limite de suas fronteiras.

Esse desequilíbrio ajuda a concentrar cada vez mais riqueza nas mãos de quem já tem e aumenta a distância entre os mais abastados e os paupérrimos. Aí ocorrem fenômenos interessantes. Os abastados consomem demais e por isso deterioram o planeta. Os paupérrimos invadem áreas de preservação e de risco para estabelecer moradia, e também deterioram, pois a pobreza é um fator que muito contribui para a degradação ambiental.

Nos meios de comunicação, através da publicidade dos produtos à venda, vemos somente uma parte do sistema, que é o ato da compra. A publicidade dos produtos não mostra as outras etapas. A extração da matéria prima significa exploração dos recursos naturais, que nada mais é do que avançar destruindo o planeta. Derruba-se a árvore, perfura-se a montanha, expulsa-se os animais, destrói-se os cursos d'água.

Essa erosão dos ecossistemas faz com que as pessoas que viviam no local e que possuem poder de decisão quase nulo tenham que se deslocar para o meio urbano. É por isso que aproximadamente 200 mil pessoas por dia saem do campo e contribuem com as estatísticas do êxodo rural.

Nesse item 2008 é um ano marco. Ele determina o momento em que 50% da população mundial está vivendo em áreas urbanizadas. Ou seja, dos 6,6 bilhões de habitantes do planeta, 3,3 bilhões estão morando nas cidades, chegando a cinco bilhões em 2030. E grande parte nos países em desenvolvimento, vulneráveis às conseqüências do aquecimento global.

Só na América Latina e no Caribe, os atuais 394 milhões de habitantes que vivem nas cidades serão 609 milhões até 2030, representando um aumento de 50% em relação aos dias de hoje.

E outro dado interessante é que a maior parte das pessoas não se desloca mais para as megalópoles. Elas preferem cidades com até 500 mil habitantes, que muitas vezes não possuem qualquer preocupação com o inchaço e o planejamento de políticas públicas para receber esse contingente em condições de oferecer qualidade de vida.

Esse fluxo descontrolado e sem planejamento gera desperdício de recursos naturais e de pessoas. Em países bastante industrializados e com poucos recursos naturais disponíveis, busca-se a solução deslocando fábricas para outros países mais pobres e com recursos ainda disponíveis.

Os Estados Unidos, por exemplo, possuem 5% da população mundial mas utilizam 30% dos recursos do planeta. Se cada ser humano consumisse hoje o que um norte-americano consome, precisaríamos de mais três a cinco planetas Terra para suprir essa ânsia consumista. E os outros países, ao invés de buscar alternativas ao modelo, buscam se igualar a eles o quanto antes.

Homo consumericus

“A Terra pode oferecer o suficiente para satisfazer as necessidades de todos os homens, mas não a ganância de todos os homens” (Gandhi)

Há meio século cada ser humano consumia, em média, metade do que consome hoje. A boa gestão e a reutilização eram valores levados em conta nas comunidades. Após a Segunda Guerra Mundial os governos e as empresas se uniram para impulsionar a economia.

O principal objetivo passou a ser a produção de mais e mais bens de consumo e as formas mais eficientes de escoar essa produção. Uma célebre frase de Victor Lebourg, conselheiro econômico do presidente norte-americano, Dwight Eisenhower (período de presidência de 1953 a 1961), explica bem essa estratégia:

“Nossa enorme economia produtiva exige que façamos do consumo nossa forma de vida, que tornemos a compra e o uso de bens em rituais, que procuremos nossa satisfação espiritual, a satisfação do nosso ego no consumo. Precisamos que as coisas sejam consumidas, substituídas e descartadas num ritmo cada vez maior.”

Passamos a não ser mais identificados como engenheiros, médicos ou professores. Lixeiros, filósofos ou dentistas. Políticos, físicos ou coveiros. Pais, filhos ou amigos. Todos passamos a ser identificados como consumidores. E assim também tratados.

Interessa apenas o quanto contribuimos para que o sistema funcione. O quanto podemos comprar e fazer a roda girar. Gustavo Barcellos, psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, analisa esse momento:

“O consumo não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações. Somente há pouco tempo histórico é que falamos e entendemos viver numa sociedade de consumo, onde tudo parece adaptar-se à lógica dessa racionalidade, ou seja, à esfera do lucro e do ganho, à ética e à estética das trocas pagas. É uma singularidade histórica. Tornamo-nos *Homo consumericus*.”

São dois os objetivos básicos da publicidade. Um deles é informar que determinado produto ou serviço existe e qual a sua utilidade. O outro, que entra na pauta dos publicitários, é de como convencer os consumidores a adquirí-lo. E aí se deixa de lado a que custo tal bem foi produzido ou oferecido e qual a sua destinação final.

Os produtos chegam a nossas mãos sem exteriorizar os custos. Ou seja, neles não se embute a perda de espaço dos recursos naturais utilizados para produzi-los. Nem mesmo a perda da qualidade de vida nas nossas cidades está embutido no preço dos produtos.

Será que está embutido o valor de termos que respirar um ar saturado de substâncias tóxicas, por exemplo? Ou o custo que passamos a ter para trazer água com um mínimo de qualidade? Ou a disposição final de todo lixo gerado no processo de produção/transporte/venda?

Assustam os números de falta de eficiência do sistema. É alarmante sabermos que 99% do que adquirimos em termos globais vá para o lixo em apenas seis meses. Isto representa um índice de eficiência de ridículo 1%! A reciclagem ajuda, mas está longe de ser suficiente. Para cada saco de lixo que você envia para reciclagem, 70 outros sacos de lixo foram gerados no processo.

Para potencializar o consumo, dois tipos de obsolescência são aplicados. A obsolescência planejada, que cria os produtos para irem para o lixo depois de um determinado tempo. Esse tempo não pode ser tão curto para que o consumidor não se sinta enganado, nem tão longo que impeça a roda do consumo girar. Sacolas, automóveis, geladeiras, aparelhos de som, computadores, sapatos, e por aí vai.

E a obsolescência perceptiva, que nos leva a desfazer de objetos ainda úteis apenas por sentir que estamos “fora da moda”. Mudam o para-choques do automóvel, a fivela do sapato, o visor do aparelho de som, a cor e o modelo do teclado, o bichinho de brinde da lanchonete de comida rápida, e por aí vai.

E a publicidade reforça a necessidade de irmos às compras. Seu grande objetivo é nos fazer infelizes com aquilo que temos e resolvamos essa infelicidade como? Indo às compras, claro!

Há uma proposta de Parâmetros Curriculares no Brasil que propõe trabalhar desde o ensino fundamental o tema do consumo responsável, assim como leis que coíbam a publicidade dirigida ao público infantil. Mas de nada irão adiantar se não sairmos com o exemplo. Temos que incorporar no nosso ato da compra o questionamento da real necessidade da aquisição e, paralelamente, questionarmos aqueles pelos quais zelamos pela educação.

Um novo sistema mais eficiente e mais justo

Há no mundo muitas pessoas que enxergam a nossa sociedade sob esse prisma e trabalham para alterar o modelo de sociedade para algo mais justo, eficiente e talvez até sustentável. Há pessoas salvando florestas e buscando a produção limpa. Outros operam a busca por mais eficiência no sistema e exercem o consumo responsável.

Uma nova escola direcionada para a sustentabilidade e para a equidade deve surgir, onde não haja tanto desperdício de pessoas e de recursos. Temos que acabar urgente com o hábito de usar e jogar fora, mesmo tendo a reciclagem inserida no processo. Lembre-se de que ela ajuda, mas está longe de ser solução.

Um novo modelo deve ser pensado, onde se valorize a redução do consumo e a reutilização dos produtos, onde se caminhe pela energia limpa e renovável. Um modelo onde possamos visualizar o sistema desde a extração até a destinação final, implementando a produção em ciclos fechados.

Onde os OGM (organismos geneticamente mudados) deem lugar à química verde e os resíduos se aproximem de zero. Finalmente, um modelo que fortaleça as economias locais, valorizando as pessoas que vivem e que tiram dali o seu sustento.

E para quem acredita ser utópica esta possibilidade, cabe-me lembrar que utópico é o modelo vigente hoje. Fomos nós quem criamos o sistema como ele se apresenta hoje e cabe, portanto, a nós, modificá-lo.

Sugestões para atividades de Educação Ambiental

Embora existam projetos de lei na Câmara dos Deputados que coloquem a EA (Educação Ambiental) como disciplina obrigatória nos currículos escolares, confesso que sou contra essa idéia. No meu ponto de vista, a EA deve acontecer de forma transversal em todas as matérias que permeiam os currículos. Do contrário irá correr o risco de se transformar em apenas mais uma matéria dentre as outras. A EA deve levar o aluno a observar e questionar seu mundo, a descobrir o seu meio e incitar o aprimoramento. Sempre que possível, acontecer fora da sala de aula, interagindo com os vários espaços que formam a cidade.

Atividade 1 – Matemática: Casas ou prédios?

O professor deve dividir a sala em grupos contendo de cinco a dez alunos cada. Metade dos grupos ficará responsável por pesquisar o consumo em residências e a outra metade dos grupos se encarregará de pesquisar o consumo em edifícios. No ato da divisão, o professor deverá encorajar a pesquisar edifícios os grupos que possuam algum integrante que resida ou tenha afinidade com alguém que resida ou trabalhe num edifício para facilitar o acesso aos dados.

Ainda em sala, o professor irá tirar uma lista de consumo em residências e prédios dos próprios alunos, que poderá ser complementada por ele caso necessário. O que se consome nas casas e nos prédios? Energia, espaço, água, gás, consumo de combustível dos veículos, número de veículos e também a produção média de lixo por habitante. Este dado pode ser obtido junto ao órgão ambiental

da cidade ou se fazer uma estimativa dessa quantia gerada. Caso sinta necessidade, o professor pode direcionar um ou mais grupos apenas para fazer essa estimativa, gerando uma outra atividade interessante.

A aplicação da matemática para se chegar às conclusões será fundamental. Terá que se multiplicar o consumo no andar pesquisado do edifício pelo total de andares do mesmo, a soma do consumo médio de combustível pelo número de automóveis, a metragem do espaço ocupado pela residência e a outra ocupada pelo edifício, o número de habitantes por metro quadrado em um e no outro.

Para a atividade de fechamento os grupos devem levar recortes de residências e de edifícios, de acordo com o que pesquisaram. Numa organização em círculo deve-se comparar os gastos de um e do outro, concluindo qual impacta mais e várias outras descobertas e conclusões que aflorarem. Urbanistas ao redor do mundo hoje concluem que o ideal são prédios de até quatro andares, pois aí existe uma mescla de ocupação não tão intensa que congestionue o local e ao mesmo tempo não haja necessidade de tanta expansão horizontal que ocupe as cercanias da cidade e encareça tanto o transporte público quanto os equipamentos urbanos que devem ser construídos.

Como sugestão a atividade pode gerar uma mostra com os recortes e os dados colhidos nas pesquisas, seguidos das conclusões alcançadas no debate final.

Atividade 2 – Artes: Capacidade de suporte da cidade

Nesta atividade simples o professor irá dividir a sala em grupos de cinco a oito alunos. Cada grupo deverá trazer um cartaz do tamanho de uma cartolina para se utilizar o verso para desenhar (deve-se evitar pedir para trazer uma cartolina, pois assim dá-se o exemplo da reutilização de material), caixas de sapato para montagem de bonecos, tesoura e lápis de colorir.

Munidos dos cartazes para desenho, os grupos irão agora confeccionar bonecos simples, de 10 a 15cm cada, com o papelão das caixas de sapato. De 20 a 40 bonecos serão suficientes para a atividade. Pelo número de alunos em sala, vai dar em média um boneco para cada aluno confeccionar.

Aí cada grupo vai para seu canto e terá que desenhar uma cidade que comporte o maior número possível de habitantes, levando-se em conta o melhor aproveitamento dos recursos naturais. Cursos d'água, fábricas, centros de triagem de lixo, arborização, ciclovias, automóveis, residências. Incentivar a imaginação dos alunos.

No final cada grupo irá apresentar sua cidade para os outros grupos e, todos juntos, sob a coordenação do professor, irão decidir quantos bonecos cada uma das cidades comporta. Na cidade que mais bonecos comportou, deve-se levantar a discussão do por quê ela é mais eficiente e comparar com nossos modelos de cidade de hoje.

Essa atividade pode gerar uma mostra posterior.

Atividade 3 – Português/Informática: Visita ao supermercado

O professor deve separar os alunos em grupos de quatro a seis cada. Cada grupo ficará responsável por pesquisar grupos de produtos nos supermercados. Caso sejam muitos alunos na sala, não há problema que mais de um grupo pesquise o mesmo grupo de produtos.

Grupo dos *sprays*: os alunos devem checar todos os *sprays* presentes no supermercado e procurar na embalagem a inscrição “não contém CFC”. Os Cloro-flúor-carbonetos foram, durante um bom tempo, os responsáveis pela destruição da camada de ozônio, que filtra raios solares que causam câncer de pele e prejudicam a produção agrícola. Verificar se existe o símbolo da reciclagem nas embalagens e anotar o endereço eletrônico e o telefone de contato com a empresa.

Em sala de aula elaborar perguntas para serem feitas pelo 0800 ou através do endereço eletrônico. Desde quando e porque não se utiliza mais o CFC e qual a destinação final das embalagens do produto.

Grupo das embalagens plásticas: Buscar vários produtos que se utilizam de embalagens plásticas e anotar o endereço eletrônico e o telefone de contato da empresa existente no rótulo das embalagens.

Em casa perguntar para os pais se aquele produto, nos seus tempos de criança, também vinha em embalagem plástica ou vinha em embalagem de papelão ou vidro. Tanto o papelão pode ir para a reciclagem quanto o vidro pode ser reutilizado, já a maioria dos plásticos entope nossos lixões e aterros, mas aumenta a margem de lucro das empresas.

Em sala de aula elaborar perguntas para serem feitas pelo 0800 ou através do endereço eletrônico. Desde quando e porque o produto passou a utilizar a embalagem plástica, se existem projetos para se utilizar embalagens de papelão ou vidro e qual a destinação final das embalagens plásticas do produto.

Grupo dos detergentes: verificar na embalagem se consta os dizeres “produto biodegradável”. O produto biodegradável é menos agressivo ao meio ambiente. Anotar o endereço eletrônico e o telefone de contato da empresa.

Em sala de aula elaborar perguntas quanto à inscrição biodegradável ou não existente no rótulo, questionando o que significa ser biodegradável ou o porquê de não ser, e também quanto à destinação final da embalagem.

Grupo dos inseticidas: verificar dados na embalagem sobre os perigos na utilização do produto e na destinação final da embalagem. Anotar o endereço eletrônico e o telefone de contato da empresa. Em sala de aula elaborar questionamentos a respeito do produto e sobre o destino final das embalagens para ser enviado pelo endereço da firma ou através do 0800.

Grupo das águas: verificar na embalagem o local de onde vem aquela água e a temperatura em que a água sai da fonte e seus componentes e suas propriedades. Comentar sobre a distância percorrida para que a água chegue até o consumidor e comparar a temperatura dela na fonte com a temperatura média de nossa cidade. Anotar endereço eletrônico e telefone de contato da empresa.

Em sala de aula elaborar perguntas sobre os cuidados com os mananciais que produzem a água e sobre a destinação final da embalagem.

O encerramento da atividade deverá acontecer depois de um prazo razoável que os grupos possam encaminhar os questionamentos, receber e compilar as respostas. Na discussão final os alunos estarão conscientes de que dispõem de canais de contato com as empresas e que podem questioná-las, sugerir, pressionar e exigir direitos. A apresentação dos resultados para todos os presentes irá expor aquelas empresas que possuem canais eficientes e rápidos de contato, o que significa mais respeito ao consumidor, e também aquelas que não estão muito preocupadas com os clientes. Estes dados podem ajudar na tomada de decisões no momento de se adquirir este ou aquele produto.

Esta atividade também pode gerar uma exposição dos resultados no pátio da escola ou mesmo na sala de aula.

Atividade 4 – Matemática: Como nos locomovemos?

Devem ser montados grupos de quatro a seis alunos e, em cada um deles, um ser o responsável pelas anotações. Feito isso, cada grupo irá escolher um local de movimento da cidade onde irão se postar posteriormente na calçada para avaliar como o ser humano se locomove.

Em sala de aula monta-se uma tabela semelhante a que segue:

A pé	Inserir número de pessoas que passam. Ex: 2, 1, 4, 2, 1, ...
Bicicleta	Inserir número de bicicletas que passam. Ex: 1, 2, 1, 1,...
Moto	Inserir número de motos que passam.
Carro	Inserir número de pessoas dentro de cada carro. 1, 3, 1, 1, 4...
Ônibus	Colocar C para ônibus Cheio, M para ocupação média e V para vazio. V, V, M, C, V,...

Deixar bem explicado que para carro, o número que preenche a tabela é o correspondente aos ocupantes do veículo. O número total de carros será representado pelo total de algarismos utilizados. No ônibus o caso é semelhante.

Após postados os grupos e decidido quem anota, determina-se um tempo de 20 minutos para observação e preenchimento da tabela.

Finalmente em sala da aula compila-se os dados, concluindo quantas pessoas passaram a pé, quantas passaram de bicicleta, moto, carro e ônibus. Em relação aos carros deve-se separar quantos carros passaram com uma pessoa, quantos passaram com duas e quantos passaram com três ou mais pessoas. Quanto aos ônibus, determinar quantos ônibus passaram cheios, quantos passaram com ocupação média e quantos passaram praticamente vazios.

Arrumar a sala em círculo e discutir como o ser humano se locomove na cidade. É certo que a maioria dos automóveis terá passado com apenas uma pessoa dentro, provando que há espaço para automóveis menores ou mais solidariedade para caronas. Há cidades ao redor do mundo onde existem faixas de rolamento exclusivas para automóveis com três ou mais pessoas, evitando congestionamentos para aqueles que se preocupam em compatibilizar os horários de trabalho.

Também é salutar discutir a respeito da construção de ciclovias nas cidades e salientar que em várias capitais da Europa a bicicleta é considerada um meio de transporte eficiente, que evita problemas cardíacos, ocupa menos espaço ao estacionar, não polui, não congestiona, custa menos e faz quem pedala observar melhor o meio em que vive.

Dessa discussão deve nascer uma exposição dos trabalhos realizados.

Atividade 5 – Educação Física: Gavião pega rato

O professor de Educação Física deve se informar com os professores que realizaram atividades de Educação Ambiental com os alunos e o exercício serve para consolidar conceitos.

O professor prepara uma tabelinha com no mínimo 10 afirmações verdadeiras e falsas relacionadas aos conceitos estudados pelos alunos. Exemplos: (1) uma residência geralmente ocupa mais espaço que um edifício. (2) os detergentes biodegradáveis são menos agressivos ao meio ambiente. (3) os rios servem apenas de enfeite nas cidades (4) os automóveis de nossa cidade costumam carregar apenas um passageiro. (5) Ciclovias só funcionam em cidades que tem praia. Aí separa a sala em dois grupos, um deles serão os ratos, os outros serão os gaviões. Desenha-se no chão uma quadra como a que segue:

Área segura	Fuga dos Gaviões	Gaviões	Ratos	Fuga dos Ratos	Área segura
-------------	------------------	---------	-------	----------------	-------------

Os grupos devem se posicionar nos espaços correspondentes. Então o professor explica que irá ler uma afirmação. Ao terminar de ler, ele dirá “já” após três segundos, que é o tempo que os alunos terão para raciocinar em cima da pergunta. Quando o professor disser “já” os gaviões partem para pegar os ratos caso a afirmação seja verdadeira. Se for falsa serão os ratos a partir para cima dos gaviões. Quem estiver sendo caçado, deve correr pelo seu espaço de fuga e atingir a área segura sem ser tocado pelos membros do outro grupo. Se for tocado, passará de rato a gavião e vice-versa.

Basta um toque para transformar um rato em gavião ou vice-versa. O toque pode ocorrer dentro do espaço dos ratos ou dos gaviões ou nos espaços de fuga. Na área segura não é permitido mais o toque. Ao final de cada correria o professor deve repetir a pergunta e explicar porque é verdadeira ou porque é falsa.

Bibliografia

Educação Ambiental – Princípios e práticas, Genebaldo Freire Dias, 6ª edição, Editora Gaia

Consumismo Infantil, Yves de La Taille – Le Monde Diplomatique Brasil – ano 2, número 17, dezembro 2008.

A Alma do Consumo, Gustavo Barcellos – Le Monde Diplomatique Brasil – ano 2, número 17, dezembro 2008.

The story of stuff, Annie Leonard – www.unichem.com.br/videos.php, acessado em 22 de dezembro de 2008.

SENADO FEDERAL
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900
Brasília – DF

OS nº 42/2009

